

O CERRADO GOIANO NUMA ENCRUZILHADA DE TEMPOS: OS TERRITÓRIOS EM DISPUTA E AS NOVAS TERRITORIALIDADES DO CONFLITO

Marcelo Rodrigues Mendonça¹
Márcia Pelá²

Resumo

As discussões sobre o Cerrado goiano – uma das áreas de maior produção/produtividade agropecuárias do mundo e um *hotspot* de sociobiodiversidade – está ameaçado de destruição pelas formas de uso e exploração da terra, intensificadas nas últimas décadas, pelo *agrohidronegocio*. A ocupação e apropriação do Cerrado goiano decorrem das relações sociais, que, por conseguinte espelham as trajetórias espaciais dos sujeitos, *grafando-as* na espacialidade. Essa proposta decorre de uma análise bibliográfica, de pesquisas de campo e de reflexões em congressos científicos e similares. Essas atividades conduziram a seguinte síntese: o Cerrado se constitui em territórios em disputa. Disputas entre as diversas formas de uso, entre as diferentes interpretações e linguagens e disputas para assegurar quinhões, sejam materiais e/ou imateriais. Assim, propomos colocar em discussão as leituras geográficas sobre o Cerrado, os conflitos decorrentes das formas de uso da terra e da água e as múltiplas territorialidades construídas a partir da conflitualidade.

Palavras-chave: Interpretação sociocultural, Cerrado Goiano, Territórios em disputa, Material-imaterial.

¹ Professor dos Cursos de Graduação e Pós-graduação da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Coordenador do Núcleo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais – GETeM/CNPq. mendoncaufg@gmail.com

² Doutoranda em Geografia no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás-Brasil; Professora do Curso de Graduação da UNIFAN; Presidente da ONG Cultura, Cidade e Arte; Tesoureira da SBPC-Goiás. marcia.pela@gmail.com

Introdução

Várias pesquisas realizadas com interfaces entre os saberes geográficos, antropológicos, biológicos, pedagógicos e de outras ordens têm sido o objeto de esforço de um grupo de pesquisadores envolvidos com atividades da graduação e da pós-graduação na Universidade Federal de Goiás. Essas pesquisas recuperam análises enunciadas por Almeida (2005), compreendendo o Cerrado a partir de diversas abordagens, tais como: ecossistema; região de incorporação ao capital; cenário paisagístico; mito; cultura; expressão de formas de vida cerradeiras etc.

Embora existam todas essas compreensões, há grande esforço na análise do *desenvolvimento* econômico e a preservação ambiental como duas expressões de força imaginária e ideológica na atualidade quando o assunto é o Cerrado. Assiste-se à implantação de programas (setores públicos e privados) que intentam promover ações e iniciativas, fortalecendo os discursos de que os elevados índices de produção/produktividade e os avanços econômicos capazes de desenvolver as projeções da balança comercial, bem como, a exportação, são fundamentais para incrementar o Produto Interno Bruto (PIB), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e tantos outros índices almejados, intensificando a inserção das áreas cerradeiras ao mercado globalizado.

É a partir dessa conexão mercantil, fortalecida pelas preocupações ambientais e a construção de um discurso *ambientalmente correto*, que a ideia de sustentabilidade, descrita na Agenda 21, está sendo implantada, segundo os empresários rurais. De acordo com as ideias defendidas pelo empresariado rural, os usos do Cerrado para as atividades econômicas baseadas no agronegócio é o expediente de sustentabilidade.

Mas ao contrário disso, os territórios do Cerrado goiano são alvos de várias significações, empreendidas por outras visões de mundo. Deve ser observado que, segundo dados estatísticos da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado do Goiás (2005), o Cerrado compreende a segunda maior riqueza em diversidade biológica do país, abrigando vários cursos d'água formadores das maiores bacias hidrográficas sul-americanas. Ainda, considera-se a produção social, as práticas sócio-culturais, ou seja, não

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

se deve deslocar a biodiversidade das múltiplas dimensões sociais e culturais que apontam a existência de identidades cerradeiras.

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar os fatores que possibilitaram a alteração de conceito e de importância do Cerrado goiano, bem como, a relação destes fatores com as transformações socioespaciais que foram ocorrendo no processo de ocupação e apropriação nas últimas décadas do século XX. Para isso, entende-se que qualquer estudo e/ou pesquisa que abordar este tema terá que considerar a importância da construção de uma leitura do Cerrado a partir do material e do imaterial, considerando as práticas socioculturais como fundantes no processo de apropriação do espaço e, conseqüentemente, na produção dos territórios.

Nesses territórios encontram-se, além da rica biodiversidade, os principais aquíferos subterrâneos, o que os torna indispensáveis para a segurança hídrica de milhões de pessoas, garantindo a produção da vida em grande parte da América do Sul. Entretanto, até meados do século XX era considerado um bioma com solos pobres e improdutivos, vegetações deformadas e feias e o lugar dos tempos lentos³, que deveriam ser transformados conforme as necessidades da modernidade.

A predicação negativa sobre o Cerrado e *suas gentes* foi construída pelo imaginário economicista, em que este aparecia como um bioma pobre e improdutivo que se caracterizava por uma ocupação onde se desenvolvia, basicamente, pecuária extensiva aliada à agricultura de subsistência⁴.

Embora seja usual, entre os pesquisadores geógrafos, o conceito de agricultura de subsistência, não concordamos com a utilização desse conceito, pois expressa aquilo que se encontra abaixo das condições de existência. Esse conceito serviu para agregar adjetivos aos camponeses e demais povos que vivem e lutam pela permanência na terra, como atrasados, pouco desenvolvidos, avessos a modernização entre tantos outros estereótipos

³ Segundo Santos (2001, p. 47) [...] tempo rápido é o tempo das firmas, dos indivíduos e das instituições hegemônica e tempo lento é o tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonzados. A economia pobre trabalha nas áreas onde as velocidades são lentas. Quem necessita de velocidades rápidas é a economia hegemônica, são as firmas hegemônicas.

⁴ Segundo Estevam (2004, p. 16) “Agricultura e pecuária em Goiás não podem ser vistas, no contexto do século XIX, como atividades estanques ou separadas. A agricultura explorada no território era a agricultura camponesa caracterizada pela fraca utilização de insumos e pela predominância do trabalho familiar”.

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

que tinham o objetivo de desqualificar *as gentes* oriundas do campo. Deviam ser substituídas pelo progresso, pelo moderno, no caso o agronegócio. Isso não é verdadeiro no que tange as sociedades camponesas cerradeiras, pois vivem de forma simples, todavia apresentam uma economia centrada na produção de alimentos e aproveitamentos dos frutos, plantas do Cerrado, permitindo denominá-las de agricultura de autoconsumo. Registramos que esses discursos prevalecem nas leituras sobre o Cerrado e as formas de uso que denotam concepções em disputa.

Esse *constructo* sociocultural permitiu as condições materiais e imateriais à ocupação moderna, racional e indiscriminada, ocasionando uma degradação social e ambiental sem precedentes. A acelerada devastação e os problemas socioambientais decorrentes, além de preocuparem alguns cientistas que elegeram o Cerrado como um dos *hotspots* de biodiversidade do planeta, levam à seguinte indagação: quais os efeitos espaciais gerados por esta ocupação modernizadora nos povos que já habitavam as áreas de Cerrado?

Para se alcançar esta compreensão demanda-se a construção de um olhar espacial abrangente, de natureza transdisciplinar e capaz de enxergar além das fronteiras impostas pela fragmentação entre o físico e o humano e a natureza e a sociedade. Temos chamado essa perspectiva de 'visão integrada do Cerrado'. É esse olhar espacial integrado que permite deparar-se com o local e o global, com as contradições entre normas e vidas. São essas teias urdidas no cotidiano – resultantes da conflitualidade, força motriz das *(Re)Existências*, compreendidas na relação com os de dentro e com os de fora – que asseguram práticas socioculturais, expressões corporais e estéticas, constituindo novos saberes e fazeres dos *Povos Cerradeiros*. (MENDONÇA, 2004).

Para nós, *Povos Cerradeiros* se referem aos sujeitos sociais trabalhadores/produtores que historicamente viveram nas áreas de Cerrado e constituíram formas de uso da terra a partir das diferenciações naturais-sociais experienciando formas materiais e imateriais de trabalho, que denotam relações sociais de produção muito próprias e em acordo com as condições ambientais, resultando em múltiplas práticas socioculturais.

A permanência das práticas socioculturais cerradeiras movidas pela ação política transformadora (luta pela terra, pela reforma agrária, pela água etc), permite apontar o

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

conceito de *(Re)Existência* enquanto um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. Significa re-enraizar para continuar enraizado ou poder criar novas raízes e mesclá-las com as já existentes, formatando espacialidades como condição para continuar *(Re)Existindo*. Nesse sentido, as *(Re)Existências* são ações construídas no processo de luta pelos territórios da vida, expressas na luta pela permanência na terra, na luta pela Reforma Agrária, na luta contra a construção desenfreada e injustificada dos empreendimentos hidroelétricos que expulsam milhares de famílias de seus lugares de existências, na luta pela água, entre outras ações de natureza política que possuem como fundante as relações de pertencimento.

À medida em que se organizam forjam uma consciência de classe que se evidencia no fazer-se, conforme Thompson (1987); porém, parcelas desses sujeitos não se engajam nos movimentos sociais e, tampouco, deixam de ser considerados sujeitos políticos. O que ocorre é que não se fazem no processo de construção da ação política coletiva. Entretanto, o que os particulariza, além da perspectiva de se manterem na terra constituindo modos de ser e de viver, é a ação política na defesa da *terra de trabalho*, da reforma agrária, da água, a partir de diversos elementos, entre eles a cultura, determinante de ações políticas que buscam nas *(Re)Existências*, frisa-se, as condições necessárias para manter e lutar pelos territórios da vida.

Olhar integrado: o olho que olha implica o objeto olhado

Interessante observar que a perspectiva integrada do Cerrado, quase que uma cosmovisão, aparece de forma elucidativa entre os indígenas e os camponeses que vivenciam outras racionalidades e mantêm uma relação diferenciada com a natureza. Na sociedade capitalista contemporânea, permeada pela velocidade crescente na busca permanente das condições de produção do lucro, a natureza exteriorizada é vista apenas como produtora de mercadorias. Para os sujeitos cerradeiros e aqueles que partilham da perspectiva integrada, a natureza é una, pois não há separação ente o material e o imaterial, mas um permanente e incessante diálogo que assegura a vida plena.

Compreender a processualidade sociohistórica implica perceber o enredamento desses territórios, com suas raízes e valores, nas complexas relações globais, garantido pelo *marketing* territorial. Não são apenas as formas de uso da terra, os sentidos da terra, as práticas socioculturais que estão em disputa, mas substancialmente as leituras sobre o Cerrado e os Cerradeiros.

A valoração das condições naturais-sociais-culturais torna o território aberto às inovações, ao progresso, que indubitavelmente atinge a todos, seja na rearticulação das classes hegemônicas e das relações de poder, seja enquanto fomentador das mazelas sociais para parcela significativa da população. O capital é portador do progresso que, ao ser ideologizado pelas políticas estatais e os setores que o sustentam, se efetiva enquanto materialidade capitalista.

Por isso deve-se considerar os aspectos negativos desse progresso, uma vez que forja um pacto de alianças entre as classes hegemônicas, não apresentando as contradições que são, inclusive, condição para a operacionalização do “progresso capitalista”. Todavia, evidenciar as contradições não é suficiente. É preciso entranhar o universo dos sujeitos pesquisados e compreendê-los como tramas que grafadas no território asseguram o bem viver.

A compreensão de que o olho que olha implica o objeto olhado nos faz conceber o olhar integrado, considerando que os efeitos dos impactos gerados no processo de ocupação do Cerrado goiano, no século XX, afetaram as riquezas materiais e imateriais. Parte-se do entendimento de que o Cerrado não é composto apenas de biodiversidade, mas também da sociodiversidade⁵ e que, por conseguinte, não foram apenas as suas riquezas naturais e biológicas que sofreram alterações, mas a cultura e a memória dos povos que ali habitavam. O que era rural transformou-se em agrícola alterando, desta forma, as estruturas materiais e as socioespaciais em um período histórico denso e curto.

Essas transformações não alteraram apenas o modo de produção e de trabalho, mas o modo de ocupação e de vida de grande parcela da população cerradeira, já que estas, além

⁵ Este termo é usado por Santos (2000) no livro **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal.

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

de migrarem do campo para as cidades, tiveram o seu antigo lugar de moradia – o campo – apropriado, em grande parte por migrantes de outras paragens.

Vê-se assim uma reconfiguração socioespacial do território goiano em que se alteram não apenas as estruturas materiais – como o modo de produção, de trabalho e de serviços, mas também a estruturas imateriais. É a estrutura do tempo lento se misturando ao tempo rápido, em que tanto os migrantes do campo como os migrantes dos outros estados – além de implementarem e implantarem outra estrutura produtiva e de trabalho – transportam com eles, independentemente do lugar a ser ocupado, as suas práticas socioculturais e simbólicas, as suas memórias e dilemas, saudosismos e os seus modos de vida por meio dos quais nutrem suas visões de mundo.

Por esta perspectiva pode-se dizer que não existe um processo desterritorializador completo e acabado (HAESBAERT, 2004), pois os sujeitos sociais não zeram a sua história, a sua memória, a sua cultura, os seus símbolos. Eles as carregam consigo e ao ocupar outros territórios, promovem adaptações, interações e integrações de suas práticas socioculturais e, de efeito, se reterritorializam e constituem novas teias.

Por esta via propõe-se o pensar e o refletir sobre a relação entre as dimensões política e cultural na constituição dos territórios modernos nas áreas de Cerrado, uma vez que, são imprescindíveis à compreensão da reconfiguração socioespacial do Cerrado goiano e, ainda, o averiguar do sentido social de suas disputas. Desse modo, considera-se que o Cerrado é um mosaico de territórios em permanente disputa onde se produzem as relações sociais que tecem a vida.

Dessa forma o Cerrado se transforma em territórios disputados⁶ por diversos grupos sociais, políticas e visões de mundo. Esses sujeitos hibridizam suas territorialidades e se

⁶ Esse conceito de território disputado pode ser entendido a partir de Haesbaert (2004, p. 121), quando afirma que [...] o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Sendo assim, o território seria o resultado do entrecruzamento de múltiplas relações de poder, sejam aquelas mais diretamente ligadas a fatores econômicos-políticos, isto é, de ordem mais material, sejam aquelas relacionadas às questões de caráter mais cultural, com ênfase no poder simbólico. Essa perspectiva, de acordo com Haesbaert (2004), somente é possível a partir da compreensão do espaço como um “[...] híbrido entre natureza e sociedade, entre política, economia e cultura, e entre materialidade e idealidade, numa complexa interação tempo-espaço” (p. 79) e, portanto, um espaço múltiplo e nunca indiferenciado. Desse modo, essa abordagem relacional do território

hibridizam, constituindo práticas socioculturais, sentidos e significados que se cristalizam no tempo e no espaço. Por conseguinte, é na materialização das territorialidades, produzidas por um longo processo histórico que envolvem as mais variadas formas de relações humanas, que desdobram os vários sentidos da disputa do Cerrado. Esses componentes são utilizados pela política territorial da gestão do espaço, sendo precedida de elementos culturais.

A partir do conflito em suas múltiplas dimensões, outros modos de vida de diferentes estirpes vão sendo esculpidos nos territórios do Cerrado e, buscando percebê-los através da paisagem, compreendida enquanto um cumulativo de tempos, pode-se identificar os lugares e o cotidiano dos sujeitos. A paisagem é, acima de tudo, seletiva quanto ao nosso afeto e identidade cultural. Ou seja, não é a paisagem do lugar que nos atrai ou retrai, é o modo de olhar o espaço, muitas vezes egocêntrico, seletivo e desigual, que nos aponta para se querer como “nosso lugar”.

Segundo Santos (2002), a paisagem representa as ações humanas cristalizadas no espaço. Com isso, é movimento. Então, entendê-la não é apenas descrever e identificar as questões físicas que a compõem. É também saber decifrar suas cores, seus cheiros, suas vozes, seus olhares, enfim, a vida que pulsa e que, muitas vezes, está encoberta pela fumaça refinada da contemporaneidade. Fumaça que, se não formos observadores atentos, pode levar à cegueira e impossibilitar a visão de um espaço abrigando vários territórios e, por conseguinte, múltiplas funções conforme as diferentes formas de uso e ocupação.

Esses princípios – que oferecem elementos para uma análise integrada e mais próxima das realidades existentes no cotidiano desses espaços – instigam à reflexão sobre as contradições e as disputas existentes no Cerrado Goiano. Essas ações buscam compreender as tramas espaciais a partir da necessidade de uma intervenção qualificada, considerando um aprendizado coletivo com os sujeitos pesquisados. Isso implica considerar os olhares, o gestual, as falas, as expressões como elementos essenciais para a pesquisa. Dessa forma, utiliza-se de Primavesi (2007, p. 05), quando ressalta o papel do equilíbrio natural-social:

conforma-se enquanto tal não apenas pela definição deste dentro de um conjunto de relações histórico-sociais, mas também por abarcar uma complexa relação entre processos sociais e espaço material.

[...] na natureza há muitas coisas para as quais não temos respostas e para muitas respostas dizemos: “isso não é científico!” Nesses casos, pode até ser que as nossas ciências ainda não descobriam as respostas, mas a natureza tem tal dinâmica há milhares de anos e vai continuar com esse jeito de trabalhar. Porém, este equilíbrio natural não pode ser mantido pela agricultura química. Quando se usa agrotóxicos, por exemplo, nas folhas de feijão, mata-se o parasita, mas a folha fica doente. O parasita não vem em primeiro grau, o primeiro é a deficiência. Depois é que vem o parasita comer a substância que a deficiência não consegue ou permite formar.

Como exemplo desta prática podemos citar o resgate do cultivo e da cultura de sementes crioulas, uma alternativa socioeconômica e ambientalmente adequada na medida em que implementa práticas de produção e trabalho e não utilizam agrotóxicos, pois compreende e implementa ações em acordo com as condições sociais e edafoclimáticas.

Entretanto, essas lições sequer são propagadas pelos agentes do capital, pois os capitalistas são portadores do progresso que, ao ser ideologizado pelas elites, efetiva-se como verdade absoluta e a única materialidade possível. Por isso, enquanto pesquisadores devemos (des)velar estas ações e expor que existe um pacto de alianças que não apresenta as contradições que são, inclusive, condição para a sua operacionalização; que a insistência de interpretar o Cerrado goiano apenas pela ótica oficial pode aniquilar as trajetórias espaciais e temporais dos *Povos Cerradeiros*, bem como, proporcionar uma verdadeira amnésia socioespacial e histórica sobre parte da memória. Como adverte Abreu (1988, p. 86),

[...] as classes mais poderosas não apenas construíram objetos mais duráveis, como foram também as criadoras das próprias instituições de memória, não raro estabelecidas exatamente para guardar as lembranças que aqueles que as instituíram consideravam importantes. Por essa razão, os documentos que se encontram nessas instituições, e que são também invariavelmente utilizados como fontes ou atestados de "memória urbana", são eles também

expressões de poder. Como afirmou Foucault (1969), os documentos não são uma matéria-prima objetiva. Eles expressam também o poder da sociedade sobre a memória e sobre o futuro.

Isso, contudo, não acontece como se o espaço e os seus lugares fossem estáticos. Suas rugosidades, os signos incrustados na memória de seus sujeitos, passados de geração para geração, as comunicações de suas formas e de seus fixos entram nas práticas socioculturais e alçam movimento nas funções, o que gera o matizamento de sua especificidade – e das possibilidades de, em seu seio, produzir a vida. Compreender essa especificidade é fonte primordial para o sujeito que deseja deliberar sobre a sua ação, sobre a sua intervenção no mundo pelo espaço e a representação que faz sobre o outro e sobre si mesmo.

O sentido histórico da disputa do Cerrado goiano

A intensificação da produção e da produtividade está intrinsecamente relacionada aos interesses do capital. Exemplo disto é a segunda metade do século XX – um marco no processo de ocupação e apropriação do Cerrado goiano – pois o território goiano, que era, até então, caracterizado por uma ocupação rural dispersa e atividades produtivas centradas na pecuária extensiva e na agricultura de autoconsumo, evidencia a tradicional fazenda goiana⁷ sendo transformada pela modernização capitalista do território.

Vê-se, então, a partir de 1930 com a política de integração do governo Vargas, a ocupação do Centro-Oeste como uma prioridade nacional. Era o Brasil integrando o sertão ao litoral por meio da Marcha para o Oeste. Era a possibilidade de modernização de Goiás, que poderia sair do “adormecimento” e tornar-se o coração pulsante do Brasil. A apropriação e ocupação do Cerrado ocorre de maneira planejada e com interesses e funções políticas e econômicas bastante definidas. O projeto no âmbito regional buscava articular as

⁷ Segundo Estevam (2006, p. 64) [...] a fazenda goiana apresentava [...] características peculiares; não se utilizava predominantemente do trabalho servil e a escravatura [...] A organização não apresentava características básicas de formação de classes e não promovera até então, divórcio entre meios de produção e a força de trabalho. Com esses elementos característicos [...] contrastava com a fazenda cafeeira, unidade básica mercantil. Também diferentemente da fazenda açucareira de rígida hierarquia tradicional, as fazendas tradicionais goianas organizaram-se de maneira peculiar, engendrando uma ordem social bastante singular.

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

regiões produtivas do estado de Goiás, principalmente as regiões sul e sudoeste e, no âmbito nacional, adequar o país a um novo ritmo de produção capitalista.

A viabilização desse projeto requisitou inúmeras estratégias de natureza espacial destacando-se a construção de Goiânia (1937), o Plano de Metas de JK (1956-1961), a construção de Brasília (1960), entre outras. De acordos políticos e econômicos a campanhas publicitárias que tinham como objetivo difundir a necessidade da modernização capitalista, tudo deveria aparentar o novo e tudo aquilo que expressasse o tradicional deveria ser rejeitado, pois era atrasado e, assim, não contribuiria para o desenvolvimento econômico.

Para isso era necessário um projeto arrojado e moderno que vislumbrasse a integração e o desenvolvimento, assegurando a inserção dos tempos modernos no sertão. O Goiás das “Tropas e Boiadas”, de Hugo de Carvalho Ramos, deveria se render ao traçado de Versalhes, de Atílio Correia Lima.

A criação deliberada de novos objetos e equipamentos técnicos, que incorporados ao meio aparecem como objetos geográficos, possibilitou mudanças bruscas nas formas de produzir. Os efeitos sobre as atividades tradicionais foram intensos e os problemas socioambientais decorrentes foram mascarados sob pena de comprometer o avanço do capital e de incentivar os movimentos sociais e ambientalistas para as causas sociais e ambientais do Cerrado.

Essas mudanças que tiveram como objetivo tornar o Cerrado produtivo e lucrativo alteraram de forma significativa a configuração socioespacial dos territórios. As antigas paisagens do Cerrado foram sendo modificadas e transformadas predominantemente em campos despovoados de *gentes*, mas povoados de densas técnicas, malhas, redes representadas por meio das monoculturas (soja, cana-de-açúcar, eucaliptais e outros), agroindústrias, empreendimentos barrageiros etc.

O solo que até então era considerado “de baixa produtividade”, com os incrementos técnicos científicos (calcários, máquinas agrícolas de última geração, pivôs etc.) se transformou em terra de primeira e, conseqüentemente, tornou-se um “paraíso” para a implantação do agronegócio.

Vale ressaltar os subsídios e as facilidades propiciadas pelo Estado mediante linhas de créditos específicas, incentivos fiscais, infraestruturas, entre outras. Vê-se, assim, pela

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

lógica do mercado de consumo global e do capital transnacional a mais brusca transformação socioespacial do Cerrado goiano. A transformação do rural em agrícola mecanizado em um período histórico tão curto gerou impactos econômicos, sociais, culturais e espaciais que podem ser claramente percebidos. Pode-se dizer que o Cerrado goiano, no início do século XXI, presencia vários tempos em um mesmo espaço.

Em trabalhos de campo realizados no Sudoeste e Sudeste de Goiás presenciamos as faces ocultas da modernização. A 'ema', figura principal do Parque Nacional das Emas, agora vive nas lavouras de soja. Presencia-se em cidades como Mineiros e Jataí uma enorme disparidade socioeconômica que antigamente era característica exclusiva das grandes metrópoles. Nem se mencione a criação de cidades verticalizadas, como o caso de Chapadão do Céu e das empresas transnacionais com tecnologia de ponta e intensa mecanização, algumas já robotizadas, que concentram a maior parte de sua produção para o mercado externo. A geração de empregos em grande escala, como comumente anunciada, é mais um dos inúmeros discursos que se cria para atrair mão-de-obra barata das áreas mais empobrecidas do país.

Pode-se dizer que o Cerrado se conforma em territórios disputados e que essa disputa é desigual e contraditória. Uns disputam o poder de concentrar riquezas e de explorar mais e mais a terra e a mão-de-obra, outros disputam um lugar ao sol, para poder ter o direito de ser e de viver.

No município de Campo Alegre, próximo à cidade de Catalão, pode-se presenciar o que se denomina por empresa moderna “familiar”. São agroempresas com imensas plantações de grãos (milho, café, soja) e algodão em região de fronteira (entre os estados de Goiás e Minas Gerais) que empregam tecnologia de ponta na produção, visando à intensificação e maximização do lucro.

A busca incessante por superar os índices de produção e produtividade, já elevados, obriga o uso intensivo da terra e da água. Agora, como mercadorias são subordinadas aos ditames do mercado que não estabelece limites e não conhece nenhuma outra lógica que não seja a de ampliar, significativamente, as condições de geração do lucro. Não importa se os solos estão sendo mortos, se há trabalho escravo, se as águas estão sendo contaminadas.

Mas em que se relaciona este processo com as questões imateriais e as práticas socioculturais?

Uma das formas de responder a esta indagação é partir da premissa de que as práticas socioculturais se transformam em práticas espaciais em um movimento constante e dialético, ou seja, as questões materiais incidem diretamente nas questões imateriais e vice-versa. O morar e as práticas alimentares, comumente caracterizados pelo sentimento de pertencimento, bem como, as práticas socioculturais são tratados *plasticamente* nas agroempresas e na maioria das vezes só existem por imposições normativas⁸. Assiste-se assim à reprodução de verdadeiras vilas operárias nas “antigas fazendas” e à construção de alojamentos que reportam à organização militar e ao modelo fordista de produção.

Barthes (2001, p. 208) ao se referir à semântica dos objetos diz que o objeto é o homem agindo sobre o mundo, modificando o mundo, estando no mundo de maneira ativa; o objeto é uma espécie de mediação entre a ação e o homem e, portanto, não é inócuo, sempre fornece sentidos. Nessa perspectiva, percebe-se que, muito mais que um estilo arquitetônico moderno, essas construções (as instalações das empresas rurais) simbolizavam um novo modelo de vida. É a tentativa de normatização da vida por meio dos modelos arquitetônicos. É a sobreposição sociocultural. É a forma moderna tentando se impor e se contrapor aos padrões e valores tradicionais conforme as formas espaciais, materializadas nos novos modelos de moradias, nas práticas alimentares dos cerradeiros, entre outros.

Neste sentido, ao se avaliar as transformações materiais e imateriais de acordo com os trabalhos de campo pode-se afirmar que os territórios em Goiás são ao mesmo tempo ricos e miseráveis, tradicionais e contemporâneos, lentos e rápidos. Enfim, as contradições do capital estão nítidas em suas paisagens e em suas espacialidades. Mas como essas transformações influenciaram o imaterial? Qual a consequência dessas transformações na cultura e na memória dos chamados *Povos Cerradeiros*? Por que o Cerrado goiano configura-se como territórios em disputa?

⁸ A agroempresa visitada, há cinco anos, foi notificada por trabalho escravo pelas precárias condições que abrigavam os seus trabalhadores. Esta notificação influenciou entre outras coisas na imagem comercial da empresa, o que implica menos lucratividade.

Por conta da chegada de migrantes de várias partes, destacando-se aqueles oriundos do Sul do país; da transformação do modo de produção, decorrente da reestruturação produtiva do capital que exige novas matrizes espaciais; da mudança do rural para o agrícola, aliada ao processo de urbanização da contemporaneidade, entre outros fatores, o Cerrado (população e paisagem – objetos e ações) se constitui territórios em disputa. A aparência pode ser moderna e cosmopolita, mas a essência ainda é tradicional. Há, aqui, a fusão de tempos desiguais num mesmo território. *É uma encruzilhada de tempos.*

Essa *encruzilhada de tempos* pode ser observada na reinvenção das práticas socioculturais dos camponeses e trabalhadores da terra que, expulsos dela se reterritorializam nas áreas urbanas. É comum nas cidades goianas, principalmente nas áreas periféricas, os festejos de “folias de reis”, procissões em devoção aos santos, fogueiras e festas juninas, fogões a lenha etc. Usos, costumes, tradições, crenças e modos de vida passando pelo processo de desterritorialização e reterritorialização. Esse processo também acontece com os migrantes e com as populações que já eram consideradas urbanas. Há um movimento constante de trocas, mudanças e enraizamentos. Existe um embate cotidiano entre o local e o global, como também níveis distintos de integração e até a fusão em determinados momentos.

E é por isso que apesar de a modernização dos territórios cerradeiros ter promovido, em nível do discurso, a homogeneização espacial, persistem práticas socioculturais cheias de símbolos: rurais, tradicionais, modernos, que imbricados constituem teias e tramas complexas.

Essa reflexão é fundamental para a Geografia, pois o que está em jogo é a defesa dos territórios (camponês, indígena, quilombola, ribeirinho, seringueiro, cerradeiro etc.). A defesa das condições de vida e de relações adequadas à natureza é possível a partir da garantia da permanência e do acesso à terra a partir de uma reforma agrária sustentável, que efetivamente assegure dignidade aos trabalhadores/camponeses e consiga incorporar os saberes da vida. Assim, deve-se levar em conta as especificidades do solo, do clima, dos recursos hídricos e, principalmente, os saberes/fazeres, as experiências e vivências dos sujeitos cerradeiros.

Considerações finais

O cruzamento dos saberes adquiridos nos estudos e pesquisas com as vivências de campo possibilitaram que este artigo fosse produto dessas atividades simultâneas e integradas. Com efeito, a sua realização nos proporcionou entender que as leituras sobre o Cerrado não podem ser feitas de maneira fragmentada ou parcial. Um olhar integrado que possa contemplar o material e o imaterial é imprescindível para que se entenda a dinâmica socioespacial, pois oferece elementos para uma análise mais próxima das realidades existentes no cotidiano.

A ocupação e apropriação do Cerrado goiano são resultantes das relações humanas que, por conseguinte, espelham as suas histórias de vida, grafando-as nos territórios. E, assim, ora o Cerrado goiano é objeto de exploração, ora é objeto de preservação; ora é tradicional, ora é contemporâneo, demonstrando as contradições entre normas e vidas. Assiste-se claramente a essa transformação. Primeiro explorou-se exaustivamente a terra; agora a exploração ocorre também com as práticas socioculturais dos *Povos Cerradeiros* e como o processo é dialético existem contradições e existem *(Re)Existências*.

Essa análise leva-nos a sintetizar que o Cerrado goiano encontra-se em uma *encruzilhada de tempos* e é um mosaico de territórios em disputa, onde se assiste a estratégias diversas dos setores hegemônicos do capital e as *(Re)Existências* dos cerradeiros na luta pela terra, pela reforma agrária, contra as barragens, dentre outros. Estudar o processo de ocupação e apropriação é se deparar com o tradicional e o moderno, com o local e o global, com o valor de uso e o valor de troca, enfim, é perceber que existem divergentes e diversas forças em movimento. Que os conceitos de produtivo ou improdutivo instaurados no seio da sociedade normalmente estão carregados de símbolos, signos, significados e significantes e, por conseguinte, não nascem do esmo e ao surgirem se disseminam por toda a sociedade como uma verdade absoluta e única.

Temos insistido em elaborar algumas indagações. Mas, afinal, será possível inserir o Cerrado goiano no mercado globalizado e preservar suas riquezas respeitando a cultura e a memória dos *Povos Cerradeiros*? Será que este modo de produção almejado é compatível

com os programas de sustentabilidade? Até que ponto as “preocupações”, tanto dos setores públicos como da iniciativa privada, com a preservação das riquezas naturais são reais?

Diante disso questiona-se esta lógica ‘ilógica’ de produção de ideias e ideais que ao insistir em mascarar o passado, a história e a memória legitima as materialidades capitalistas como verdades absolutas. É o ‘milagre’ do novo em que “basta” um estalar de dedos para que a vida se renove do nada. Entretanto, até para escrever estas breves palavras requer-se história e memória.

Desta forma, é necessário conhecer os diferentes usos e as formas de exploração da terra, contrapondo-se ao discurso hegemônico do agrohidronegócio centrado na incorporação das terras “improdutivas” e na potencialização da produção e da produtividade e que não reconhecem outros usos da terra. Esse discurso precisa ser avaliado e ao fazê-lo é urgente reafirmar a viabilidade social e econômica de políticas públicas que assegurem a produção de alimentos para a população local/regional de forma saudável para os agricultores/trabalhadores e a preservação do ambiente.

Referências

- ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. Revista da Faculdade de Letras – **Geografia I** série, Vol. XIV, Porto, 1988, p. 77-97.
- ACSELRAD, H. (org.). **Conflitos ambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.
- ALMEIDA, M. G. (Org). **Tantos Cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidades e singularidade cultural. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- BARTHES, R.. **A aventura semiológica**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAVEIRO, E. F. Símbolos das paisagens do Cerrado goiano. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.), **Tantos Cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 47-62.
- DUARTE, L. M. G.; SANTANA, M. L. (Org.). **Tristes Cerrados**: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998.

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. Desterritorialização entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

ESTEVAM, Luís. **Tempo da transformação**: estrutura e dinâmica econômica de Goiás. Goiânia: UCG, 2006.

GOIÁS. Governo de Goiás. Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário Estatístico Agropecuário do Estado de Goiás – 2005**. Goiânia: SEAGRO, 2005.

GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás. Ano de 2005. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/>> Acesso em: 24, junho de 2007.

MENDONÇA, Marcelo. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 2004. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

MENDONÇA, M. R. Bioenergia e viabilidade da produção de alimentos: para quem? **Revista Formação**, n. 15 volume 2. São Paulo, 2007, p. 189-226.

MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho**: a ação política construída pelos *trabalhadores da terra e pelos trabalhadores urbanos* na luta pela reforma agrária em Goiás – Brasil. Disponível em: <http://www.alasru.org/cdalasru2006/05%20GT%20Marcelo%20Rodrigues%20Mendon%C3%A7a.pdf> - Tecnologia Google Docs. Acesso em 05/10/2009.

PELÁ, M.C.H. **Goiânia**: o mito da cidade planejada. Dissertação (Mestrado) – 2009, UFG, Goiânia. Disponível em: btd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=436. Acesso em 18/10/2009.

PELÁ, M. C. H. ; MENDONÇA, M. R. . **Cerrado Goiano**: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: Pelá, Márcia; Castilho, Denis. (Org.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. 1 ed. Goiânia: Vieira, 2010, v. 1, p. 37-50.

PRIMAVESI, A. M. **Agroecologia**: práticas e saberes. Conferência de Abertura do I Simpósio Sobre Agroecologia do Sudeste Goiano, realizado em abril/2007 na UFG/Campus Catalão.

O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito

Marcelo Rodrigues Mendonça; Márcia Pelá

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SEVILLA GUZMÁN, E., **Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latinoamérica: en agroecología, el camino hacia una agricultura sustentable.** Buenos Aires: Ediciones Científicas Americanas, 2002.

SILVA, C. A. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do Cerrado. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Tantos Cerrados.** Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

THOMAZ JR, A.; OLIVEIRA, A. M. S.; GONÇALVES, M. A. (Org.). **Geografia e trabalho no século XXI** - vol.3. 1. ed. Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2007.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária na Inglaterra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum** - estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.